

Aufhebung, meta-categoria da lógica hegeliana

José Pinheiro Pertille*

Resumo: *Aufhebung* é uma meta-categoria, ou determinação fundamental, na lógica hegeliana, pois ela está presente no processo de constituição de todas as categorias da *Ciência da Lógica*, assim como permite ampliar o discurso lógico em direção ao real. Nesse sentido, ela é uma das condições que efetiva o novo modo de desenvolvimento científico preconizado pela filosofia hegeliana. Essa caracterização pode ser fundamentada e explicitada a partir da Observação da *Ciência da Lógica* sobre a expressão *aufheben*, texto aqui traduzido. Ao se tratar dessa “Observação”, também se delimita o papel que desempenha esses textos incidentais enquanto “reflexões exteriores”, no sentido da lógica da essência.

Palavras-chave: Hegel, Lógica, *Aufhebung*, Meta-categoria.

Résumé : *Aufhebung* est une meta-catégorie, ou bien une détermination fondamentale, dans la logique hégélienne, car elle se présente dans le processus de constitution de toutes les catégories de la *Science de la Logique*, bien comme c'est ce qui permet l'ampliation du discours logique vers le réel. En ce sens, elle est une des conditions pour effectuer le nouveau développement scientifique proposé pour la philosophie hégélienne. Ces propriétés peuvent être fondés et explicités en considérant l'Observation de la *Science de la Logique* sur l'expression *aufheben*, texte sur le quel on propose ici la traduction en portugais. Finalement, en proposant l'analyse de ce texte-là, on réfléchit aussi sur le rôle qui jouent ces textes préliminaires en tant que « réflexions extérieures », dans le sens de la logique de l'essence.

Mots Clefs: Hegel, Logique, *Aufhebung*, Meta-catégorie.

O presente texto visa mostrar em que sentido se deve considerar a *Aufhebung* como uma meta-categoria, ou determinação fundamental (*Grundbestimmung*), da lógica hegeliana. Isto é, que a *Aufhebung* se constitui como uma categoria estruturalmente diferente das categorias que são apresentadas nas diferentes instâncias do discurso lógico, tais como o *devir*, a *efetividade* ou a *idéia*, pois a *Aufhebung* está presente em cada um desses momentos assim como perpassa e caracteriza todo o movimento lógico, ampliando-o em direção ao real.

* Doutor em Filosofia pela UFRGS / NOSOPHI – Université Paris I. Professor adjunto da UFRGS. E-mail: jper@ufrgs.br

Para tanto, o texto de referência será a Observação (*Anmerkung*) da *Ciência da Lógica* sobre esse conceito, a seguir citada e traduzida. Essa Observação aparece na passagem do primeiro para o segundo capítulo da primeira seção do livro primeiro da *Ciência da Lógica*, ou seja, é a Observação de Hegel acerca do primeiro grande movimento propriamente lógico da obra, aquele que ao reunir o ser e o nada em seu devir conduz ao ser-aí.¹ Tratar dessa Observação conduzirá igualmente a uma consideração sobre o estatuto das partes *incidentais* nos textos hegelianos.

A importância da Observação da *Ciência da Lógica* sobre o conceito *Aufheben*, por um lado, reside na tematização direta que faz Hegel aqui sobre um dos conceitos mais importantes de sua filosofia, cuja tradução ainda hoje ocupa os especialistas, movidos pelo intuito de melhor se referir tecnicamente a essa noção que expressa exemplarmente o conhecido “movimento dialético” hegeliano: “suspender”, “suprassumir” ou “superar”? “sursumer”, “supprimer” ou “abroger”?² Acima de tudo, essa Observação é valiosa para a compreensão dos conceitos Suspensão, suspender, suspenso, e nesse sentido é uma lástima a não referência a essa Observação da *Ciência da Lógica* no verbete “Suprassunção” do *Dicionário Hegel* de Michael Inwood (p. 103).

Por outro lado, tratar dessa Observação também oportuniza lançar uma reflexão sobre aqueles apontamentos que desempenham um papel peculiar ao longo do desenvolvimento do discurso propriamente especulativo, esses comentários incidentais que aparecem tanto nas “partes preliminares” das obras de Hegel na forma de Prefácios e Introduções, quanto nas “Observações” dispostas ao longo da *Ciência da Lógica*, da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* e da *Filosofia do Direito*, como ainda, poderíamos acrescentar, nas passagens situadas ao nível do “para nós” da *Fenomenologia do Espírito*.

À primeira vista pode parecer que esses conjuntos de apontamentos constituem-

¹ Hegel, *Wissenschaft der Logik I, Hegel Werke Suhrkamp Bd. 5* (1983): “Anmerkung. Der Ausdruck: *Aufheben*”, p. 113-5. Tradução em espanhol de A. e R. Mondolfo (1956), p. 138-9, tradução em francês de P.-J. Labarrière e G. Jarczyk (1972), p. 81-2; tradução em inglês de G. di Giovanni (2010), p. 81-2; tradução em português de M. A. Werle (2011), p. 98-9.

² P. Meneses, “suprassumir”; M. L. Müller, “suspender”; M. A. Werle, “superar”; J. Hyppolite, “supprimer”; P.-J. Labarrière & G. Jarczyk, “sursumer”; J.-P. Lefebvre, “abolir”; B. Bourgeois, “supprimer”; J.-F. Kervégan, “abroger”; A. & R. Mondolfo, “eliminar”; W. Roces, “superar”; A. V. Miller e G. di Giovanni “to sublata”. Neste texto e na tradução da Observação da *Ciência da Lógica* feita a seguir tomaremos *Aufhebung* por “suspensão”, *aufheben* por “suspender” e *das Aufgehobene* por “o

se apenas de “meras” considerações exteriores aos temas cientificamente tratados, e por isso sem importância intrínseca para a ciência filosófica. Eles seriam então considerados como comentários paralelos ao discurso principal, partes acessórias sem valor maior para o núcleo teórico do todo. Mas, é preciso reconhecer que a questão não é tão simples assim.

Começemos por esse segundo aspecto. De maneira geral, são bem conhecidas as diatribes hegelianas contra os Prefácios e Introduções em obras de Filosofia. O argumento é o de que essas partes preliminares não substituem o começo com a coisa mesma, pois elas são exteriores ao discurso propriamente científico, ou seja, o que objetivamente vale é a “demonstração”, e não apenas a “mostra” dos argumentos. Isso é certo, mas, no entanto, Hegel sempre elabora Prefácios e Introduções em suas obras, onde justamente estão presentes essas e outras considerações, o que indica que, apesar dos pesares, essas partes preliminares não são sem significado.

Nessa direção, para não ficar apenas ao nível desse argumento *ad hominem* a favor dos momentos externos à reflexão filosófica propriamente dita, podemos afirmar que nas partes preliminares dos prefácios e introduções, assim como nas observações e adendos dos textos, apresentam-se reflexões exteriores que são, no entanto, também constitutivas do discurso filosófico hegeliano. Não se trata assim de escanteá-las para a ordem dos fatos, em uma posição independente da ordem das razões. O que está em jogo é o movimento que faz a reunião entre entendimento e razão, o qual permite tanto ao entendimento passar a raciocinar, quanto fazer a razão se exprimir na linguagem da representação. Como Hegel afirma no Prefácio da primeira edição da *Ciência da Lógica*:

Assim como o entendimento pode ser considerado separado da razão, a razão dialética pode ser considerada separada da razão positiva. Porém, em sua verdade, a razão é espírito, o qual está por cima de ambos, como razão que entende ou como entendimento que raciocina (*verständige Vernunft oder vernünftiger Verstand*). (WdL I, HV 5, p. 17)³

Com base na *Ciência da Lógica*, essa interpretação proposta pode ser apoiada no conceito de “reflexão exterior” presente na lógica da essência, colocada entre a reflexão

suspendido”.

³ “Wie der Verstand als etwas Getrenntes von der Vernunft überhaupt, so pflegt auch die dialektische Vernunft als etwas Getrenntes von der positiven Vernunft genommen zu werden. Aber in ihrer Wahrheit ist die Vernunft Geist, der höher als beides, verständige Vernunft oder vernünftiger Verstand ist”.

ponente e a reflexão determinada. A exterioridade designa uma reflexão estruturando um objeto já dado, pressuposto, que ela fixa como exterior a ela mesma. Como observa Hegel, a reflexão exterior corresponde ao juízo reflexionante da *Crítica do Juízo* de Kant, a via da indução, que se desenvolve do particular em direção à universalidade da lei e do princípio, e que assim toma como sua origem um dado que lhe é exterior a fim de lhe ultrapassar em sua particularidade e elevá-lo à universalidade, um procedimento que fornece o padrão para todas as filosofias da subjetividade. No entanto, o universal em direção ao qual o juízo reflexionante tenta fazer o imediato progredir constitui a própria essência desse imediato. Ou seja, a reflexão não fica puramente exterior àquela imediatidade pressuposta, mas se revela essencialmente como estruturante desse imediato (WL II, HW 6, p. 30-1).

Nesse sentido, como alerta a *Introdução à leitura da Ciência da Lógica* de J. Biard e outros, a exterioridade comporta um significado não necessariamente pejorativo, mas um momento estruturalmente necessário do processo lógico; não se trata de um “além” rejeitado como inessencial, mas do índice de uma negatividade em ação desde as primeiras categorias lógicas, indispensável para a implosão de sua abstração (volume 1, página 33, nota 2). Concluindo esse primeiro ponto, para uma boa compreensão do sistema hegeliano é fundamental não ficar só nas partes preliminares, nas abordagens externas, sem penetrar no discurso científico. Mas, também não é o caso de desprezá-las, pois ali aparecem informações essenciais acerca dos enquadramentos do discurso filosófico hegeliano. Elas são as margens entre as quais flui o discurso filosófico hegeliano.

Com base nessas considerações, no que diz respeito à mencionada Observação da *Ciência da Lógica* sobre o conceito *Aufhebung*, ela é particularmente importante por permitir levantar diversas questões acerca do discurso especulativo formado pela lógica hegeliana, em especial com relação ao processo de passagem entre as categorias lógicas. Vejamos mais de perto um aspecto de seu primeiro parágrafo. O tema é acerca do estatuto da suspensão, se ela pode ser reconhecida não como uma categoria lógica assim como o ser, o nada e o devir, e as demais categorias lógicas que as sucedem até a idéia absoluta, mas mais propriamente como uma *meta-categoria* da lógica hegeliana, isto é, como uma determinação que opera sobre as determinações, e que assim se situa ao nível dos fundamentos do sistema, em outras palavras, *Aufhebung* não como uma simples

Bestimmung, mas como uma *Grundbestimmung*.

A Observação sobre o *aufheben* começa afirmando:

Suspenden e o *suspendido* (o *ideal*) constituem um dos conceitos mais importantes da filosofia, uma determinação fundamental, que é repetido facilmente por todos os lados, mas cujo sentido tem que ser tomado de uma maneira determinada, particularmente em sua diferenciação do nada. O que se suspende não vem a ser com isso um nada. Nada é o *imediat*. Um *suspendido*, ao contrário, é um *mediado*, ele é o não sendo, porém como *resultado*, saído de um ser. Ele tem com isso a *determinidade, da qual ele procede, já em si*. (WdL I, HW 5, p. 113).

Os Prefácios, a Introdução e a reflexão sobre *Qual tem que ser o começo da Ciência* deixam bem claro que uma das demandas centrais da filosofia hegeliana é por um novo conceito de procedimento científico, no qual se proceda a uma auto-exposição do *conteúdo* em sua *forma* imanente. Como afirma Hegel no Prefácio da primeira edição da *Ciência da Lógica*: “somente a natureza do conteúdo pode ser o que se move no conhecimento científico, posto que é ao mesmo tempo a *própria reflexão* do conteúdo o que põe e produz sua *própria determinação*”.⁴ Ora, para expor essa necessária articulação dinâmica e progressiva entre um conteúdo e sua forma, entre uma exposição e sua matéria, ao contrário de proceder-se através de uma aplicação exterior de formas universais do pensamento, as quais seriam assim tomadas mais propriamente como fôrmas do pensamento, é preciso apresentar um meio através do qual aquele movimento intrínseco fosse possível. Em outras palavras, ao invés de categorias formais ou transcendentais logicamente independentes dos conteúdos, ainda que sejam condições de possibilidade para seu conhecimento, a estruturação do discurso especulativo interdita tais separações, em busca de um encadeamento interno entre seus diversos elementos em níveis progressivos de determinação e concretude. Nesse sentido, a expressão *aufheben* se apresentaria para Hegel como apta para designar essa operação, através dos diferentes significados que possui na língua alemã, suficientes para abarcar em um conceito o modo de desenvolvimento próprio do progredir imanente do pensamento. Nessa direção, enquanto “termo técnico” do hegelianês, ele é

⁴ “Sondern es kann nur die Natur des Inhalts sein, welche sich im wissenschaftlichen Erkennen bewegt, indem zugleich diese eigene Reflexion des Inhalts es ist, welche seine Bestimmung selbst erst setzt und

compreendido a partir de seus sentidos na linguagem natural, e elaborado através de um tratamento filosófico específico.

De fato, na língua alemã, o verbo *aufheben* possui os sentidos de “levantar” (levantar algo ou levantar-se, apanhar algo do chão, levantar a mão, *Heben Sie die Hände auf, wenn Sie diesen Vortrag verstehen!* fazer a criança se levantar do chão; e também no sentido figurado de levantar o cerco, levantar-se da mesa), “suprimir” (abolir, revogar uma lei, anular um contrato, desbloquear; *das eine hebt das andere nicht auf*, uma coisa não anula a outra; *sich (gegenseitig) aufheben*, anular-se reciprocamente) e “guardar” (conservar, colocar de lado, sinônimo de *aufbewahren*): *sie hebt alles auf*, ela guarda tudo; *sich (dat) etw bis zum Schluß aufheben*, guardar alguma coisa para o fim; e também no sentido figurativo em *gut, schlecht aufgehoben sein*, estar ou não estar em boas mãos; *bei ihr ist er gut aufgehoben*, com ela, ele está em boas mãos; *dein Geheimnis ist gut (sicher) bei mir aufgehoben*, comigo teu segredo está bem guardado. Deste modo, Hegel reconhece a potencialidade especulativa deste termo, e o estabelece como um conceito fundamental: o que é suprassumido nega o que lhe antecede, conservando-o de um ponto de vista mais elevado.

O lugar para chamar a atenção desse processo é estratégico. A Observação sobre o *aufheben* se localiza na passagem entre os dois primeiros capítulos da primeira seção dessa obra, ou seja, na passagem do primeiro capítulo intitulado “ser” (*Sein*) ao segundo capítulo “ser-aí” (*Dasein*). Aqui se apresenta a primeira transição especulativa do texto, presente na dialética do “ser” (*Sein*) e do “nada” (*Nichts*), doravante suprimidos, conservados e elevados no conceito de “devir” (*Werden*). O ser e o nada estão suspensos no devir: o que é deixa de ser, o que não é vem a ser, e um (como algo) se vincula ao outro (como *seu* outro). Porém, na medida em que o devir conserva o ser e o nada, ainda que os suprima enquanto indiferentes um frente ao outro (em uma diversidade recíproca), o devir se eleva a uma unidade própria e não meramente relacional frente ao ser e frente ao nada. Esta unidade suspendida (*aufgehobene*) passa a ser chamada de “ser-aí”, como o devir que tem o ser e o nada como seus momentos agora determinados. Ser e nada deixam de ser “ser” e “nada” e passam a constituir uma mesma unidade, desaparecendo como determinações diversas. No devir eles eram nascer e perecer, o ser-aí é o nascer e o perecer por si próprio, prescindindo de um

erzeugt”. WdL I, HW 5, p. 16.

significado abstrato de um e de outro, contando com eles como sendo os seus momentos concretos na suspensão (*Aufhebung*) de sua unidade. *Exit Werden, zweites Kapitel: das Dasein*.

O estabelecimento e a compreensão deste momento fundante do processo lógico é a condição para o progredir desta e das próximas determinidades presentes ao longo do texto. Assim, por exemplo, nesse segundo capítulo do “ser-aí”, suas determinações de “finitude” e “infinitude” serão suprimidas, conservadas e elevadas no “ser-para-si” (*Fürsichsein*, terceiro capítulo), assim perfazendo a categoria da determinidade ou qualidade (título geral da primeira seção, que engloba esses três capítulos).⁵

Enquanto esta Observação sobre a expressão *aufheben* marca o esclarecimento posto por Hegel na transição inaugural do primeiro para o segundo capítulo, por sua vez, na transição do segundo para o terceiro capítulo, as Observações serão postas sob a rubrica “a transição” (*der Übergang*). Este contraponto entre as duas séries de Observações nas passagens dos capítulos iniciais da *Ciência da lógica* conduz então àquela interpretação de Dieter Henrich quanto às estruturas *lógicas* (específicas para um momento da obra) e *meta-lógicas* (gerais para todo e qualquer desenvolvimento lógico) dos modos de um progredir conceitual necessário para o desenvolvimento imanente do conteúdo. Segundo Henrich:

É preciso diferenciar a *ciência* da lógica do processo das determinações lógicas do pensar. Esse processo se faz como desenvolvimento específico. Sua ciência, entretanto, é um modo de efetividade do espírito, que muitas vezes se desenvolve com explicações digressivas e com a visão do todo. Nós precisamos de uma doutrina metódica para essas explicações, que podemos caracterizar como ‘meta-lógica’. “Anfang und Methode der Logik”, in *Hegel im Kontext*, p. 93.

Em outras palavras, essas seriam as dimensões da lógica e do lógico, *die Logik und das Logische*, expressando a lógica os modos de pensar e ser, e o lógico esses modos do ponto de vista totalizador do espírito.

Nesse sentido, *aufheben* seria um conceito que aparece nesse primeiro grande movimento da *Ciência da lógica*, mas que se apresenta na estrutura de desenvolvimento

⁵ “Podemos reparar que é nessa passagem que aparece pela primeira vez no discurso especulativo (no sentido estrito) o tema capital da *Aufheben*”. J. Biard et alii, *Introduction à la lecture de la Science de la*

de todo o processo lógico, natural e espiritual. Isso também acontece com o conceito de “transição” ou “passagem” (*der Übergang*), que aponta para “o progredir infinito” (*der unendliche Progress*) que conduz em direção à natureza, ao espírito e ao tempo; e para a idéia mesma de “idealismo” (*der Idealismus*), perfectibilizado no “idealismo alemão” como o progredir filosófico presente nas transições entre as filosofias de Kant, Fichte, Schelling e Hegel, entendido como um processo de sucessivas suspensões entre sistemas filosóficos.

Conclusão

Parece haver boas razões para se considerar a suspensão como uma categoria de outro nível daquele do devir, da efetividade ou da idéia, isto é, como uma meta-categoria, uma categoria que apreende propriedades que dizem respeito ao encadeamento de todas as categorias lógicas. Nesse sentido, poder-se-ia definir o devir como a suspensão do ser e do nada, a efetividade a unidade que veio a ser imediata a partir da suspensão entre a essência e a existência, a idéia como a unidade verdadeira que suspende o conceito e a objetividade, e assim por diante.

É nessa direção que poderíamos indicar também, além da suspensão, outras meta-categorias lógicas da filosofia hegeliana, outras *Grundbestimmungen*: o entendimento, a razão negativa ou dialética, e a razão positiva ou especulativa, nos termos do “Conceito mais preciso da Lógica” da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*: “a lógica tem, segundo a forma, três lados: a) o lado abstrato ou do entendimento; b) o dialético ou negativamente-racional; c) o especulativo ou positivamente-racional.”⁶ Essas seriam as três determinações-fundamentais do pensamento sobre ele mesmo e sobre a realidade da natureza e do espírito: o entendimento que diferencia e fixa as determinidades, a dialética que ultrapassa de modo imanente a unilateralidade das determinidades do entendimento, e o especulativo que apreende a unidade das determinações em sua oposição, a unidade da *Aufhebung*.

Logique de Hegel, vol. 1, l'Être, p. 59.

⁶ “Das Logische hat der Form nach drei Seiten: α) die abstrakte oder verständige, β) die dialektische oder negativ-vernünftige, γ) die spekulative oder positiv-vernünftige. Diese drei Seiten machen nicht drei Teile der Logik aus, sondern sind Momente jedes Logisch-Reellen, das ist jedes Begriffes oder jedes Wahren überhaupt”. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* § 79. EpW I, HW 8, p. 168.

Por outro lado, no caso de aceitação dessa leitura, o principal cuidado a se tomar é não considerar as meta-categorias lógicas, ou determinações fundamentais, em um sentido transcendental ou formal, essencialmente separadas de seus conteúdos. Ou seja, é mister não perder de vista sua necessária instituição ao nível do discurso em movimento que caracteriza o sentido propriamente especulativo dessas meta-categorias lógicas.

Referências Bibliográficas

- BIARD, J. BUVAT, D. KERVÉGAN, J.F. KLING, J.-F. LACROIX, A. LÉCRIVAIN, A. SLUBICKI, M. *Introduction à la lecture de la Science de la logique de Hegel*, volume 1. Paris: Aubier, 1981.
- HEGEL, G. W. F. *Wissenschaft der Logik I. Erster Teil. Die objektive Logik. Erstes Buch*. Werke in zwanzig Bänden, B. 5. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1983.
- _____. *Wissenschaft der Logik II. Erster Teil. Die objektive Logik. Zweistes Buch. Die subjektive Logik*. Werke in zwanzig Bänden, B.6. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1983.
- _____. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse (1830). Erster Teil. Die Wissenschaft der Logik*. Werke in zwanzig Bänden, B. 8, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1983.
- _____. *Ciencia de la Lógica*. Trad. Augusta Mondolfo e Rodolfo Mondolfo. Buenos Aires: Ed. Solar S.A, 1968.
- _____. *The Science of Logic*. Translated and edited by George di Giovanni. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- _____. *Science de la logique. L'Être, 1812*. Traduction Pierre-Jean Labarrière e Gwendoline Jarczyk. Paris: Aubier-Montaigne, 1987.
- _____. *Ciência da Lógica, Excertos*. Tradução e seleção de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Barcarola, 2011.
- HENRICH, Dieter. *Hegel im Kontext*. Frankfurt: Suhrkamp, 1971.
- INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

Artigo recebido em janeiro de 2012

Artigo aceito para publicação em fevereiro de 2012